

A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO COMO SUPORTE METODOLÓGICO PARA UMA ANÁLISE DA TESSITURA SOCIOPOLÍTICA DE SOCIEDADES ANTIGAS

Luis Fernando Telles D`Ajello¹

RESUMO

Seguindo a proposta da XIII Jornada de História Antiga de Pelotas apresento aqui uma proposta de suporte metodológico pra estudos na antiguidade. Inicialmente trato da Sociologia do Conhecimento enquanto uma disciplina em si. A partir das propostas de Berger e Luckmann trato desta área do conhecimento como um plano metodológico para a compreensão da construção social da realidade. Por fim apresento minha dissertação de mestrado e minha tese em desenvolvimento, como exemplos do uso deste suporte metodológico em pesquisas de epigrafia grega e política ateniense.

Palavras-Chave: Sociologia do Conhecimento. Metodologia. Grécia Clássica.

ABSTRACT

According with the objective of the XIII Jornada de História Antiga de Pelotas I present here a possible methodological support for studies in antiquity. I deal inittially with the Sociology of Knowledge as a discipline in itself. From the proposal of Berger and Luckmann I consider this area of knowledge as a methodological plan for the comprehension of the social construction of reality. Lastly, I present my master's thesis and my ongoing doctoral dissertation of usage of this methodological support in researches of Greek epigraphy and Athenian politics.

Keywords: Sociology of Knowledge. Methodology. Classical Greece.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Proponho aqui uma interação entre a sociologia do conhecimento, fenomenologia e história. A fenomenologia, que creio seja a melhor área de contato entre filosofia e história, foi utilizada nas reformulações da sociologia do conhecimento propostas por dois sociólogos de quem tratarei a seguir. A sociologia do conhecimento, apesar de se apresentar enquanto uma disciplina empírica suportada por uma teoria sociológica geral (como apresentam Peter Berger e Thomas Luckmann), é vista aqui como uma base metodológica para analisar áreas de difícil acesso das sociedades antigas.

Através da análise da construção social da realidade, a sociologia do conhecimento procura compreender “como é possível que significados subjetivos se tornem facticidades objetivas”(BERGER; LUCKMANN, 1973). Esta análise, portanto, permite traçar os caminhos socioculturais dos significados através das práticas. A partir disto a disciplina em questão passa a verificar a passagem de subjetividades para objetividades reificadas pela sociedade. A análise deste processo de reificação, deste processo de algo subjetivamente inventado sendo percebido como intrinsecamente atrelado à realidade, é o que justifica a análise da construção da realidade como um meio de averiguarmos a compreensão que os antigos tinham sobre o mundo à sua volta, incluindo suas próprias práticas.

A seguir apresentarei exemplos da utilização desta metodologia que fiz uso em minha dissertação de mestrado e como proponho utilizá-la em minha tese em andamento. Antes, no entanto, cabe apresentar melhor a disciplina e suas relações com a história de maneira mais apropriada.

A sociologia do conhecimento, cunhada por Max Scheler (1960) e Karl Mannheim (1957), por mais que tenha causado debates entre os sociólogos sobre sua aplicabilidade e função, foi uma área marginalizada neste âmbito. Na história foi apropriada na área de história das ideias e história dos intelectuais. Suas proposições teóricas facilitavam a interação com estas áreas, pois tratavam de uma forma de compreender um período, uma sociedade, através de suas próprias concepções. O historicismo, e com certas modificações a história das ideias, bebem claramente deste

interesse em tentar compreender os conceitos atrelados a cada um dos períodos e sociedades.

Aqui tratarei da reformulação desta área da sociologia proposta por Berger e Luckmann. Berger e Luckmann são dois sociólogos que em busca de uma teoria sociológica una encontram Alfred Schultz e se focam na pesquisa sobre uma sociologia do conhecimento reformulada para ser pensada através de uma influência da fenomenologia.

Os autores propõem que o conhecimento do senso comum e não as ideias deve ser o foco central da sociologia do conhecimento. E é este conhecimento que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir. Isto assume que nenhuma formulação teórica da realidade, qualquer seja sua origem, esgota o que é real para a sociedade. Então é a análise daquilo que os homens conhecem como realidade em sua vida cotidiana que constitui o objetivo da sociologia do conhecimento para estes dois autores. Por isso o nome de sua obra conjunta, a construção social da realidade. (BERGER; LUCKMANN, 1973)

Alfred Schultz estudou a fundo a fenomenologia do Husserl, chegando a ser convidado pelo mesmo para trabalhar como seu assistente, o que ele recusou. Com ele veio a influência de que tanto a sociologia quanto a história poderiam beneficiar-se da fenomenologia. O próprio Husserl já fazia menção a isso em sua primeira obra sobre fenomenologia. (HUSSERL, 2006) A crítica que Schultz (1962) faz à sociologia do conhecimento de Scheler e Mannheim é similar à apresentada por José Murilo de carvalho (2000) e é o que incita o trabalho conjunto entre Luckmann e Berger com as compreensões fenomenológicas de Schultz.

A fenomenologia propõe que além do mundo real e inegável que Ginzburg tanto defende, há o mundo subjetivo, fenomenológico. Ele assim o chama porque quando percebemos um objeto, ele sempre nos é dado segundo uma determinada perspectiva, segundo um certo modo de doação ou fenômeno. Por mais que variemos nossa perspectiva em relação ao objeto sempre o perceberemos segundo um modo

subjetivo de apreensão. O mesmo ocorre na linguagem. Podemos nos referir a um objeto de um modo ou de outro, nunca de uma maneira que o definiria integralmente. “‘Napoleão’ designa apenas a equivalência das múltiplas e indefinidas significações que o descrevem, seja como ‘o vencedor de Iena’, seja como ‘o vencido de Waterloo’, seja como ‘o prisioneiro da Córsega’.” Assim um objeto só pode ser a síntese das diversas significações que o descrevem. (MOURA, 2006)

Berger e Luckmann acreditam que quanto mais percepções diferentes sobre um mesmo princípio social a ser estudado, mais próximo do processo de construção social da realidade se está. Processo este que torna este princípio ou este hábito em algo real e intrinsecamente verdadeiro para os atores sociais envolvidos no mesmo. Por fim os autores se perguntam: Como é possível que a atividade humana produza um mundo de coisas? A resposta está naquilo que é mais do que a soma das partes, o fenômeno em todas suas aparições e compreensões. A síntese das significações que o descrevem, e até mesmo o criam.

No livro, *Acreditaram os Gregos em seus Mitos*, de Paul Veyne, (1983) sua maneira de analisar as questões sobre a verdade se aproxima sobremaneira da metodologia fenomenológica usada por Berger e Luckmann. Não sei o quanto, ou se, Paul Veyne bebeu da fenomenologia, mas poderíamos ver nessa obra um exemplo de como a fenomenologia pode ser um método de análise válido para a história. As reflexões de Berger e Luckmann sobre este método o torna ainda mais palatável às ciências humanas, especialmente a História.

Utilizar a sociologia do conhecimento assim proposta como um viés metodológico implica em procurar entender o processo que leva questões subjetivas a serem compreendidas como realidades objetivas por cada sociedade. Este interesse que alguns historiadores têm de compreender como uma sociedade chega a crer em si da forma como crê se beneficia de uma metodologia que propõe a análise da construção da realidade. Não apenas ordenar os eventos passados na ordem correta ou compreender porque foram feitos, mas também compreender porque as opções de

ação que os homens de épocas passadas acreditavam ter eram as que eram. O rol de possibilidades vislumbradas por antigos é uma construção particular de sua maneira de conceber o mundo. A construção social da realidade é o processo que explica estas questões e se torna mais uma ferramenta, principalmente para que tenhamos outras maneiras de tentar chegar ao pensamento comum, ou de chegarmos mais próximos do tecido de significados que constitui a realidade por eles construída. Em pesquisas mais profundas, que não lidem com sociedades inteiras, a construção social da realidade ainda fornece um caminho para compreender o tecido de significados construídos ou compreendidos ² pelos atores sociais envolvidos. O exemplo que darei sobre a pesquisa de minha tese apresenta tal possibilidade.

Este tipo de análise nos ajuda a compreender as decisões que foram tomadas, os caminhos que foram seguidos e, portanto, teria uma função não tanto teórica, mas metodológica, ou seja, a forma como na sociologia do conhecimento se faz uma análise da construção da realidade é a maneira como pretendo analisar minhas fontes para melhor compreendê-las. Mas, claro, a teoria e a metodologia tendem a ser um tanto próximas.

Para melhor explicitar a aplicação desta proposta apresentarei exemplos de minha dissertação e de minha tese em andamento, onde procuro utilizar esta metodologia.

Em minha dissertação de mestrado fiz uma análise semântica e histórica de termos e funções sociais relacionadas à memória como concebida pelos antigos. Minhas fontes eram epígrafias, na forma de inscrições em pedra e bronze, datadas do primeiro quarto do século V a.C. Meu foco foi na *performance* legal presente nas leis inscritas que conformavam minhas fontes principais. O cargo de *mnemon*, lembrador,

² Neste método vale lembrar que a construção e a compreensão são muito próximas. Um ator social compreende algo porque aprendeu que o mundo funciona desta forma, mas é ao atuar sobre esta compreensão que imprime sua própria percepção e ensina, assim, a todos aqueles que acreditam que este ator social está fazendo o que faz porque sabe o que faz. A criação está conectada ao processo de construção, e ensino, através do exemplo.

estava presente nas inscrições e era minha porta para analisar a concepção de memória no período. Suas funções e relações com outros magistrados constituíam uma performance onde as concepções de memória, e suas relações com a oralidade, convergiam em um cargo, uma prática. Antes de poder analisar esta performance legal, as funções e o papel do *mnemon*, tive de procurar o tecido semântico em torno do termo *mneme* e seus derivados.

Na dissertação, a partir das poucas inscrições nas quais o cargo aparece de maneira mais clara, pude perceber inicialmente sua relação com memória e a linguagem oral, em oposição a registros escritos, pois a memória era a chave aqui. Portanto, precisava compreender melhor o que a memória era para os gregos e como se relacionavam com a oralidade e como a sociedade com um todo se relacionava com a memória. Assim poderia compreender melhor o porquê das atividades exigidas do *mnemon* e dos momentos de sua aparição. Tentar trabalhar com oralidade e memória na antiguidade me levou a procurar a sociologia do conhecimento como base metodológica justamente pela forma como ela propõe que se tente compreender a construção social da realidade.

Diferente do que por vezes se faz na história das ideias ou dos intelectuais, pesquisando como conceitos foram pensados ou pesquisados ou marcados sobremaneira durante diversos períodos, eu pretendia compreender como a utilização corrente do dia-a-dia estabelecia o significado de memória e sua relação com a oralidade. Como eu não tinha acesso exatamente ao dia-a-dia dos gregos antigos, escolhi a análise de um campo semântico. Escolhi 4 termos próximos a *mneme*,³ memória, e procurei os significados relacionados a eles nos mais diversos autores, de logógrafos a poetas, historiadores a tragediógrafos. Cada uma das aparições destes termos fornecia uma maneira de compreender os significados atrelados ao conceito de memória e, mais importante, suas relações mais próximas com atividades e outros

³ A saber, *mimnesko*, *meia*, *maomai* e *mnema*.

conceitos. Ao passo que ia complexificando o conceito em questão, ampliava também a capacidade de correlacioná-lo com as práticas do *mnemon*.

Correlacionei estes significados e seu desenvolvimento com o período e com o uso do termo *mnemon*. Com isso tentei passar de um tecido semântico para uma disposição cultural em relação a este conceito, o de memória, percebido através desta análise semântica. Na sociologia do conhecimento a linguagem e a memória são essenciais para a compreensão da construção social da realidade. O processo de instituição de realidade ocorre através da linguagem e da manipulação da memória. Assim a maneira como uma sociedade faz uso, como compreende as funções e capacidades destes conceitos, implica na maneira como estes interagem no estabelecimento de sua realidade, ou seja, no estabelecimento de atividades e práticas concebíveis no rol cultural. Desta forma, a metodologia da sociologia do conhecimento me auxiliou a compreender as motivações para a existência de um cargo como o de *mnemon*, bem como os significados atrelados a ele. A partir daí, então, pude compreender a função do mesmo. A análise do campo semântico dos termos serviu para que a constituição do tecido de significados necessários para a análise da construção social da memória em minha dissertação se tornasse a análise da construção social do *mnemon* e da memória.

O exemplo de minha dissertação vem a calhar, pois o conceito central de minha pesquisa era a memória. Este é um dos conceitos chave para a sociologia do conhecimento em sua base teórica. Desta forma usei não só a metodologia, mas a base teórica para justificar minha pesquisa. As conceituações teóricas sobre performance, tradição oral e verdade (que em grego se relaciona com esquecimento) foram retiradas de Egbert Bakker (1993), Richard Bauman (1986) e Marcel Detienne (1988), mas também de Berger e Luckmann. O que estou desenvolvendo na tese de doutorado implica na utilização da sociologia do conhecimento eminentemente como base metodológica, dado que os pontos centrais da pesquisa não correspondem diretamente aos conceitos centrais da base teórica de Berger e Luckmann. Não

obstante suas influências conceituais podem ser percebidas em menor escala na pesquisa em andamento.

O foco de minha tese é o ponto fulcral da passagem de uma proeminência da oralidade para a proeminência da escrita em Atenas. Compreendo que o processo de assimilação e desenvolvimento da escrita culminando em uma proeminência de seu uso em relação a práticas orais é longo. No entanto, em Atenas, a última década e meia do século V a.C. molda os parâmetros para aquilo que será reconhecido como a democracia do período clássico aos olhos dos atenienses do século IV a.C., inclusive sua relação “intrínseca”⁴ com a escrita.

A partir da hipótese de que a ideia da democracia se organizou mais como uma oposição aos planos dos oligarcas do que por si só, desenvolvo as questões sobre oralidade e escrita. É neste processo de oposição que a tradição oral foi percebida como reduto das grandes famílias. Assim a escrita torna-se um meio de retirada do poder das mãos da aristocracia. Para verificar esta hipótese creio ser necessário desvelar o tecido de significados relacionados à democracia, oralidade, escrita. As discussões em torno da *patrios politeia*, a constituição ancestral, parece também um caminho promissor. Oralidade e escrita podem ser analisados através da concepção de linguagem. Em resumo, focarei minha pesquisa em linguagem, democracia e *patrios politeia*.

A sociologia do conhecimento me aponta a maneira de abordar estes conceitos. Diferentemente do exemplo anterior, as questões são mais específicas ao âmbito de Atenas, em um período de 15 anos aproximadamente. Assim procurarei compreender a concepção de linguagem em homens diretamente envolvidos nos eventos do período ou que trataram de recontá-los em suas histórias. Dois oradores, dois historiadores e um sofista. Nas obras destes homens que foram desenvolvidas no período em questão por homens envolvidos no processo, analisarei a concepção de linguagem utilizada por eles. Esta clareza me auxiliará a compreender as relações

⁴ Percebida como tal.

propostas pelo período para a oralidade e para a escrita. Especialmente por participantes do processo em questão. Nos mesmos autores e nas mesmas obras, a análise dos termos *democracia* e *patrios politeia*, e significados em torno dos mesmos, permitirá a compreensão deste processo de molde de significação e da relação entre tradição oral e escrita como bases para projetos políticos.

Em resumo, e em confluência com a construção social da realidade, tratarei Atenas como uma sociedade que, neste momento de conflito político, para e tenta escolher para si um futuro. Os embates entre os grupos políticos são travados no âmbito do estabelecimento daquilo que será compreendido como real, como grupo de práticas válidas para uma existência coerente com as concepções aceitas na mesma sociedade. Analisar as concepções em oposição e suas relações com as propostas políticas permitirão a visualização do processo de construção desta Atenas e de sua democracia, vista, compreendida, como a isonomia apoiada nas leis escritas.

Dito isto cabe agora uma explicação menos concisa das proposições metodológicas mencionadas. Pretendo analisar o processo de redemocratização de Atenas no fim do século V como catalizador de uma passagem da proeminência da oralidade para uma proeminência da escrita. Para compreender melhor o processo de construção social de realidade, desenrolado nestes conflitos sociopolíticos, me apoio na metodologia da sociologia do conhecimento para melhor compreender o papel da linguagem neste processo.

Na tese minha intenção é de certa forma compreender como se deu em Atenas o processo do momento fulcral da passagem de uma proeminência de uma cultura oral para uma cultura escrita. Proeminência, pois antes e depois ambas coexistiram. Diferentemente de minha dissertação, não há um questionamento concreto direto. Minhas questões agora são diretamente voltadas para a maneira com que Atenas, em um momento de conflito ideológico, muda a maneira como vê a si mesma, enquanto sociedade. Eu creio que uma análise da construção social da realidade do período abrirá os caminhos para esta compreensão. Principalmente porque não creio que foi

muito consciente, durante todo o processo, essa escolha entre uma cultura oral e uma escrita. Então, para compreendermos algo que eu creio nem mesmo os atenienses do período tinham muita clareza, a sociologia do conhecimento, e esta forma de uma análise da construção social da realidade, ajudam a compreender a realidade subjetiva dos atenienses neste período para que possamos entender melhor como Atenas passa a ver a si mesma a partir deste conflito ideológico.

Acredito então que o único conceito diretamente ligado ao embasamento teórico da sociologia do conhecimento e que será essencial para minha tese é a linguagem. Aqui a linguagem é essencial justamente porque o objeto da tese em andamento é a maneira como a linguagem é compreendida, porque se passa de uma proeminência oral para uma escrita. Como e por que se assimila esta passagem, de que maneira a sociedade lida com esta mudança e passa a compreender a si mesma de uma forma diversa são questões para as quais busco ajuda da sociologia do conhecimento para interrogar minhas fontes.

O cargo de *mnemon* no exemplo anterior era um lastro com o ambiente concreto, objetivo, de minha pesquisa. Correlacionar as concepções e o tecido de significados a este lastro concreto da sociedade pesquisada é o que justifica esta abordagem subjetiva em História. Na tese, o exemplo agora tratado, os lastros concretos são dois. O termo *democracia* e a concepção de *patrios politeia*. Admito que são menos concretos do que um cargo do procedimento legal, mas deve-se notar que aqui se trata do termo. A parte subjetiva da pesquisa, que trás a metodologia da sociologia do conhecimento, trata dos significados que diferentes grupos darão a estes termos. De certa forma é através da história destes termos que pretendo tornar visível o processo de construção social da democracia ancorada em uma cultura eminentemente escrita, em oposição a uma oligarquia baseada nas tradições orais.

Dada a situação chave de Lísias e Antifonte como logógrafos e partes politicamente ativas no processo que pesquiso, a análise da utilização da linguagem por eles pode nos ajudar a compreender melhor a concepção da mesma. A maneira

com que utilizaram a linguagem era amplamente apreendida e tende a ser a forma mais bem sucedida de manipulação oral.

Apesar de o conceito de “verdade” não ser central em minha pesquisa, creio que com o apoio da obra de Detienne posso correlacionar a linguagem com questões de oralidade ou escrita, de acordo com as significações propostas pela utilização nos autores pesquisados. No caso Górgias e o próprio Antifonte poderei vislumbrar as relações de verdade e linguagem,⁵ assim firmando o chão para a compreensão dos processos de significações de *democracia* e *patrio politeia*.

A partir da tessitura dos significados e concepções acerca destes conceitos, o desenvolvimento da pesquisa pode correr mais diretamente. A análise dos hábitos epigráficos pode ajudar sobremaneira na compreensão do alcance das concepções avaliadas nos autores mencionados. Principalmente no que tange a questão da linguagem.

Os historiadores mais envolvidos com o período, Tucídides e Xenofonte também vêm para cotejar as concepções de verdade e linguagem em sua forma de apresentação dos fatos do período em análise.

Dadas as análises de linguagem entre oradores, historiadores e sofistas, todos envolvidos com os processos políticos em questão, e seus reflexos nos hábitos epigráficos, a análise da construção social dos termos concretos desta pesquisa poderão ser efetivados com mais firmeza.

Não sei ainda se serei capaz de formar uma concepção de linguagem coesa o suficiente para melhor compreender os eventos destes últimos quinze anos em Atenas, mas o grande objetivo de minha tese é utilizar as concepções presentes nas fontes para ler melhor os eventos e estruturá-los dentro do processo de construção da

⁵ O mais importante aqui é a questão de que verdade em grego, *aletheia*, significa “não-esquecer”. Portanto, o estudo prévio de Detienne, bem como no exemplo anterior sobre memória, subsidiarão minha investigação sobre os significados de linguagem e suas relações com oralidade ou escrita, através das relações traçadas pela memória e pela verdade nestas tradições de linguagem.

realidade. Considerando este momento como um momento de transição, de conflito da sociedade ateniense, onde ela para e escolhe para si mesma uma nova maneira de se compreender, a sociologia do conhecimento me permite esmiuçar os processos subjetivos destes eventos para melhor compreendê-los. Os termos *democracia* e *patrios politeia* são as portas para esta análise subjetiva.

Em suma, com a busca pela compreensão de concepções e conceituações subjetivas em uma sociedade, e do processo de objetivação destes, ou seja, nas transformações de conceitos e concepções subjetivas em realidades objetivas (objeto da sociologia do conhecimento), podemos procurar ler os eventos analisados com outras lentes e talvez melhor explicá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKKER, E. J. Activation and Preservation: the interdependence of text and performance in an Oral Tradition. **Oral Tradition Journal** Columbia:Center for Studies in Oral Tradition, v. 8, n. 1, p. 5-20, jan. 1993.

BAUMAN, R. **Story, performance, and event: contextual studies of oral narrative.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1986. x, 130 p. ISBN 0521322235.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1973.

CARVALHO, J. M. D. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura **Topoi**, v. 1, n. 1, p. 123-152, 2000.

DETIENNE, M. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica:** Tradução de Andéa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia:** Universale Paperbacks il Mulino. Bologna: Societ* ed. il Mulino, 1957. 342 p.

MOURA, C. A. R. D. Prefácio. In: (Ed.). **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica.** Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.



SCHELER, M.; SCHELER, M. **Die Wissensformen und die Gesellschaft**: Gesammelte Werke / Max Scheler. 2., durchgesehene Aufl. mit Zus*tzen. Bern: Francke, 1960. 536p.

SCHUTZ, A. **Collected papers**: Phaenomenologica,. The Hague, : M. Nijhoff, 1962.

VEYNE, P. **Acreditaram os Gregos em seus Mitos?** Lisboa: Editora 70, 1983.